

Capítulos de História das Religiões: O Egito Faraônico

Ronaldo Pereira Gonçalves¹

RESUMO: *O estudo do Egito faraônico reveste-se de importância não só pela investigação das técnicas utilizadas na construção das pirâmides mas também e principalmente pela invulgar postura dos habitantes do vale do Nilo perante a transição da alma e os mistérios de além. Isto posto importa conhecer não só o panteão egípcio mas também a classe sacerdotal que mercê de seus conhecimentos obtinha proveito em causa própria. Contudo coexistiram na mesma sociedade as Escolas de Mistério, que em reuniões secretas dedicavam-se ao esoterismo. Neste contexto emerge a figura de um avatar na pessoa de Iquenaton. Este, pela primeira vez na história, apregoeou o monoteísmo como religião afirmando em seus hinos de louvor a Aton a existência de um único deus donde provem toda a luz e toda a vida sobre a terra..*

Palavras-chave: Egito, religião, politeísmo, monoteísmo

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora se apresenta aspira ser um breve ensaio na área de História das Religiões, especificamente um estudo sobre a religião do Egito faraônico.. Procura-se portanto averiguar como os antigos habitantes do vale do rio Nilo procederam perante o inexplicado.

Preliminarmente deve ser colocado que existe uma diferença de abordagem no terreno historiador, não se redigindo a história das religiões da mesma forma como se escreve sobre Relações Internacionais. Para a execução deste ensaio considerou-se algumas aportações fenomenológicas pois o caminho de Deus implica em uma luta constante do homem consigo mesmo em meio ao mistério da transição existencial para o mundo do além. Pode-se também considerar esta idéia como o conceito do autor deste

¹ Mestre em História Ibero-Americana, PUC-RS, 1996.

Departamento de Geografia, FACIBEL - Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão, Rua Maringá, 1200, Bairro Vila Nova, Fco. Beltrão - Paraná. Cx. Postal 251. CEP 85.605-010

texto sobre a mencionada História das Religiões.

O fazer historiador sobre religião não é um simples relato de fatos mas também uma interpretação sobre as crenças e esperanças de um povo ou comunidade. Por outro lado, a brevidade do trabalho obriga a uma síntese das manifestações religiosas mais transcendentais ocorridas no Egito durante o período dos Faraós. Isto posto, serão examinadas em linhas gerais a eclosão do fenômeno religioso e o panteão egípcio. Logo após, julga-se importante averiguar as atividades da classe sacerdotal bem como o modo pelo qual destes prestarem culto. Neste item, assomam-se considerações de introspecção sobre a transição de uma vida para outra, não deixando-se de mencionar as Escolas de Mistério. Já no item final busca-se a importância do monoteísmo, que emerge com o Faraó Iquenaton e revela concepções ainda aceitas no século atual.

No que diz respeito aos autores examinados para a elaboração deste trabalho, é inegável que Etienc DRITON, Juan LARRAIA e Savitri DEVI são os expoentes. Isto porém não significa somente importância aos demais, pois todos os autores consultados são igualmente importantes.

Por último, deve ser observado que muito embora o assunto a ser tratado neste ensaio atenha-se a perplexidade do egípcio perante o cosmos considera-se de valia algumas rápidas considerações sobre história política do vale do Nilo.

Assim pois, o Egito possui um período pré-dinástico no qual as pequenas comunidades denominadas Nomos uniram-se formando dois reinos: o Alto Egito e o Baixo Egito. No lendário político consta que em 3200 A. C, o primeiro destes reinos subjugou o segundo, estabelecendo a unificação do vale sob o domínio do Faraó Menés. Este preservou as instituições dos vencidos alterando apenas o Grande Sacerdote das divindades do delta do grande rio.

Em seqüência, é possível dizer que a História egípcia comporta seis grandes períodos de tempo:

Antigo Império, entre 3200 - 2200,

Primeiro período intermediário, entre 2200 - 2000,

Médio Império, entre 2000 - 1700,

Período dos invasores Hicsos, entre 1700 - 1500,

Novo Império, entre 1500 - 1000,

Decadência, entre 1000 - 333 AC

I. O VALE DO NILO

O grande deserto do Saara, é cortado no ângulo nordeste da África pelo rio Nilo, considerado o terceiro mais extenso do mundo. Esse transborda em períodos regulares e forma um longo estreito e fertilíssimo vale, um Oásis realmente - o Egito.

No meio desta região relativamente plana, as águas abriram um comprido e

estrito corredor, cujas muralhas são cortadas quase a pique, de 30 a 500 m de altura. Ao norte, nas proximidades do Cairo, o corredor se alarga e as muralhas se afastam em V, traçando um ângulo que foi - há milhares de anos - um golfo no Mediterrâneo. O Nilo aterrou-o com o aluvião acumulado e criou uma planície que aumenta sem cessar.

O vale do rio Nilo é cercado por cadeias de montanhas ricas em granitos, calcários e outros tipos de rochas de onde os egípcios extraíam pedras e materiais para as suas construções. Esta região possui mais de mil quilômetros de extensão por uma largura que medeia os quinze mil metros chegando em alguns pontos a cinquenta quilômetros. Estas dimensões oferecem uma considerável área próxima aos trinta mil quilômetros quadrados.

No Egito não chove (a não ser rara e escassamente) porém o Nilo transborda todos os anos desde fins de Junho até Agosto, inundando o vale. As águas elevam-se normalmente até sete ou oito metros de altura e a região fica alagada. De Setembro à Dezembro a massa líquida vai descendo e deixando um depósito fluvial - Humus - fertilíssimo, que chega alcançar em alguns pontos 10 metros de profundidade. Esse limo é semeado (Novembro a Fevereiro) sem necessidade de lavra. Sua fertilidade é extraordinária e produz até três colheitas anuais.

Com as inundações o Egito renasce e prospera. Crescem as culturas e nas pastagens renovadas alimentam-se os rebanhos. A este respeito os sacerdotes egípcios afirmavam que "o Egito inteiro é um presente do Nilo". Mas para desfrutar desta oferta os habitantes do vale tiveram que trabalhar arduamente a fim de disciplinar as águas. Ergueram terraplanos e diques; abriram canais, construíram uma lago artificial (Lago Méris) destinado à reter as águas e aumentar, mercê de processos de irrigação, a área de terras cultiváveis.

As inundações do Nilo devidamente aproveitadas, mediante canais, proporcionavam um magnífico sistema de irrigação. Além disso, o Nilo era uma via cômoda de comunicação e circulação que facilitava o comércio entre as diversas localidades do vale.

Habitavam o Egito no tempo dos Faraós algo em redor de dois a três milhões de habitantes. Autores clássicos elevam essa cifra para oito e dez milhões de pessoas. Essa população por não entender a causa do fenómeno das enchentes periódicas denominava o rio de "O Misterioso", e o consideravam como um Deus. Graças ao cultivo do solo pelos felás (camponeses egípcios) o Egito Antigo produzia principalmente cevada, trigo, legumes, frutas.

Nas margens do grande rio e seus afluentes cresciam plantas aquáticas e, duas de maneira em especial eram muito populares: Lótus e Papiro.

O Papiro é uma espécie de palmeira que oferecia múltiplas aplicações. As fibras mais espessas serviam para construir embarcações e com as fibras mais finas confeccionava-se cestas, cordas e sandálias. De outras partes desta mesma planta produzia-se uma espécie de material para escrever.

Entre os animais de criação os principais eram o boi, o asno, o porco, o

carneiro, a cabra, ganso e os patos. O cavalo e o camelo só bem mais tarde foram introduzidos. Também viviam no vale do Nilo animais domésticos como gatos e cachorros. Além desses, os documentos registram nos períodos mais recuados, a existência de animais de grande porte como os Jeões e as panteras. Nas margens deste rio habitavam crocodilos, hipopótamos e em toda extensão de suas águas encontrava-se grande quantidade de cardumes de peixes..

No Egito, não existiam florestas e as árvores eram raras, o que explica o por que dos habitantes do vale as apreciavam. As madeiras eram importadas de outras regiões como por exemplo da Fenícia, Síria, de onde provinham também Cedros e Pinheiros.

2. O FENÔMENO RELIGIOSO NO EGITO

Inicialmente deve ser dito que as manifestações religiosas tiveram um papel predominante na vida cotidiano dos antigos habitantes do vale do Nilo. Esta manifestação do inexplicado deixou sua marca indelével em todas as atividades do dia a dia dos habitantes do vale. Tanto a filosofia e a literatura sorveram dos ensinamentos religiosos, e o mesmo pode ser dito a respeito das manifestações artísticas que eram expressas (salvo no período hierático) de acordo com os padrões e formas estéticas estipuladas pelos sacerdotes.

O Antigo Império egípcio foi em grande parte uma teocracia, e mesmo os Faraós militaristas do Novo Império afirmavam governar em nome da divindade.

Vale dizer que os soberanos eram tidos como uma encarnação da própria divindade e estes pela sua própria auto-condição fizeram com que grande parte dos recursos econômicos do país fossem aplicados em um sem numero de grandes construções funerárias e na manutenção de um corpo sacerdotal suntuoso.

Como não conheciam os mecanismos da natureza e muito menos os seus diversos fenômenos como a inundação do Nilo, o ciclo solar, a germinação das sementes, o dia e a noite, atribuíram a ocorrência de todos estes fatos misteriosos aos caprichos dos deuses. Na busca de uma explicação para estes acontecimentos extraordinários imaginaram que os mesmos seriam produzidos pôr vontades superiores, pêlos deuses, ora benéficos e protetores ora maléficis e impiedosos.

A partir deste ponto de referência o fenômeno religioso egípcio apresentou uma fase evolutiva passando pôr vários estágios, desde um simples politeísmo até um monoteísmo filosófico.

Nos primeiros tempos o vale do Nilo era habitado por povos nômades. Posteriormente, esta população foi se reunindo em clãs, cada qual na crençica de que havia um deus protetor, o qual era venerado simbolicamente por meio de um totem.

Este totem que podia representar um lobo, um falcão, um chacal ou outro animal, significava a própria divindade e portanto era motivo de adoração.

Os clãs foram amalgamando-se e o mesmo ocorreu com as crençicas e com

os deuses. Surgiram então as cidades e com elas o seu deus protetor ou particular. Mas isso não quer dizer que a partir de então houvesse um só deus em cada cidade. Isto significa que havia um deus principal e algumas outras divindades menores.

A partir deste estágio, formou-se a idéia de grandes deuses nacionais, adorados em todo Egito. Os principais foram Amom e Rá, que posteriormente uniram-se em um só: Amom-Rá.

A religião no Egito Antigo, desde os primórdios do seu nascimento até a chegada dos Romanos em redor do ano trinta antes de Cristo, foi (exceção feita ao interlúdio herético, porém monístico de Iquenaton) um conjunto mais ou menos uniforme de divindades onde havia algumas que sobressaíam-se mais do que outras. umas eram benéficas e outras maléficas. De um modo em geral a divindade que possuía maior número de sacerdotes era Amom-Rá e a mais popular, Osíris.

O estudo do fenômeno religioso no vale do Nilo mostra uma concepção religiosa politeísta, antropozomórfica e em geral dualística. Explica-se politeísta, pelo fato de haver mais de um deus; antropozomórfica porque cultuara animais e o caráter dualista pela existência da crença em um juízo final.

3. O PANTEÃO EGÍPCIO

Referenciar todos os deuses do Egito, e uma tarefa muito difícil serão impossível, devido a grande quantidade de divindades que de uma forma ou de outra foram objeto de culto. Neste ensaio apenas serão evidenciadas as figuras religiosas mais significativas da antiga religião do vale do Nilo.

O grande número de divindades surgidas no local, é atribuído às primitivas divindades locais circunscritas aos Nomos. Considere-se que os deuses locais foram inicialmente cultuados como supremos dentro dos limites monacais e só muito depois alcançaram um prestígio nacional.

De maneira análoga a outros povos primitivos, os egípcios cultuaram desde épocas recuadas as forças da natureza (como as cheias do rio Nilo) bem como os animais vivos, - o falcão, o boi, e outros. Só tarde na história do vale do Nilo os deuses tomaram a forma humana.

As divindades mais cultuadas

Amom: Pouco conhecido nos tempos primitivos posteriormente quando Tebas tornou-se o centro do Egito, seu culto atingiu grande prestígio. Foi identificado com o sol e passou a chamar-se Amom-Ra, ostentando a forma humana. Significava o céu e a sabedoria.

Rá: senhor de Nilópolis, é um deus cósmico identificado pelo sol e representado na iconografia por um falcão corado.

Anubis: cultuado em Cinópolis, era a divindade do mundo dos mortos e da

embalsamação. Sua representação era feita através de um homem com a cabeça de chacal.

Bastet: deusa de Bubastis, a sua manifestação simbólica era feita por uma mulher com cabeça de gato.

Hathor: divindade da música e da alegria. Sua forma sagrada era representada por uma mulher com a cabeça em forma de vaca ou por todo o animal.

Hórus: deus de Behdet, representado por um falcão ou um homem, porém este com a cabeça daquele e portando esta um disco solar. Importa notar que a figura do Faraó era identificada com este deus.

Isis: é a mais conhecida deusa egípcia e está associada a Osíris seu esposo e a Hórus, seu filho. Significava a proteção do lar e da esposa. Em geral aparece através da figura de uma mulher.

Osíris: é o senhor de Busiris no delta, surge representado por um homem em roupa funerária. Esta identificado como Juiz dos considerado como seu irmão.

Thoth: preponderou em Hermópolis, representado por um homem com a cabeça de Íbis. Considerou-se como protetor da escrita e do tempo.

Os deuses cósmicos

Os deuses dos elementos que constituíam o universo não tinham nenhum poder vinculando-os com alguma região ou santuário pois não foram de modo geral objeto de culto. Eram isto sim, elementos cósmicos inventados por especulação. Alguns deles, entretanto confundiram-se em épocas recuadas com determinados deuses locais. Os mais representativos foram:

Nut: uma deusa que representava o céu, era imaginada como uma mulher gigantesca com o corpo arqueado sobre a terra.

Rá: era o sol, apresentado como um deus, que com o seu séquito viajava pelo firmamento em duas embarcações: o barco do dia e o barco da noite.

As divindades menores

Com este título quer-se mencionar algumas divindades tidas e aceitas pelo vulgo, em sua vida quotidiana. Não dispunham de templo e eram marginalizadas pelos sacerdotes. Neste particular, vale destacar *Tueris* deidade protetora das mulheres grávidas e proteção contra os maus espíritos.

4. O CULTO E OS SACERDOTES

Os templos eram como seu próprio nome indica a casa do deus e de modo geral não eram pequenos. O acesso do povo a estas edificações,- algumas das quais eram

verdadeiros palácios,- estava restrito a sua explanada, onde haviam imagens dos deuses, esculpidas ou cinzeladas nos muros. Estes serviam também para admiração e adoração das divindades pelo vulgo.

O ingresso aos pátios interiores requeria o preenchimento de certas formalidades e era precedido de avisos que falavam da necessidade de purificar-se antes de ali estar. Mais adiante encontrava-se o santuário com a imagem esculpida do deus o que naturalmente limitava ainda mais o acesso das pessoas.

Penetrar na câmara e olhar cara a cara a imagem do deus era um privilégio de poucos, e entre estes estavam os sacerdotes que oficiavam os cultos e o Faraó. Aqueles que entravam no interior dos templos sagrados, notavam que a luz do dia desaparecia gradativamente e sentiam-se envolvidos por uma penumbra que convidava ao recolhimento e a meditação.

Em princípio o grande sacerdote era o próprio Faraó tido como o mediador entre a humanidade da qual fazia parte e os deuses de cuja natureza também participava. Portanto, o serviço religioso executado por um numeroso clero era parte das funções do Faraó.

O ritual do culto relacionava-se ao caráter do deus do templo e era presenciado somente pelos iniciados que devidamente purificados, se reuniam na parte mais íntima do templo. Vale dizer que nos rituais egípcios não haviam sacrifícios de animais apesar de sua presença na religião.

O sacerdote oficiante do culto, dava início a cerimonia penetrando no santuário e aí diante do ídolo (em madeira e dimensões médias), praticava o ritual quotidiano: prostrava-se, espalhava unguentos sobre a estátua, incensando-a, e recitava hinos de adoração.

Até então a estátua não passava de um objeto inanimado. O sacerdote lhe daria vida, apresentando-lhe uma estatueta de Maat (a verdade) além de outra simbolizando o olho arrancado de Hórus, por seu inimigo Seth e reencontrado pelos deuses. O deus era em seguida retirado para fora do Naos, onde o oficiante procedia a sua toilette como se fizesse a toilette do rei: lavava, incensava, vestia, perfumava e o recolocava no mesmo lugar, pondo diante dele os elementos de uma refeição que era em seguida consumida inteiramente pelo fogo. Após as últimas purificações com alcairão, água e terebintina, o culto estava terminado.

O povo egípcio não participava, evidentemente, das cerimoniais do santuário; entrava, porém em contato com a divindade por ocasião das grandes festas tão características do Alto Egito. Nesses dias festivos as estátuas divinas eram transportadas para fora do recinto sagrado e os sacerdotes depositavam-nas durante o percurso da procissão, em capelas preparadas especialmente para esse fim, onde recebiam a adoração do povo.

A par do culto oficial existia um culto pessoal dos fiéis, visto que era um grande obstáculo quase impossível a penetração popular no recinto do templo. A grande massa de fiéis devia contentar-se mesmo com as procissões, as capelas, as necrópofes e as estátuas divinas existentes nos lares.

Os animais sagrados eram alimentados com boa comida, e os relatos mencionam até uma alimentação requintada como exemplo, deliciosos doces e bolos de mel, pato cozido ou assado etc. De tempos em tempos as divindades recebiam banho quente e, após eram ungidos com finos perfumes sendo queimado incenso à sua volta.

Dava-se também importância às necessidades sexuais do deus representado na forma de animais sagrados. Para cada animal macho reservavam-se algumas fêmeas das mais belas de sua raça que eram chamadas "as amantes do deus". Ofertavam-se ainda mulheres como companheiras sexuais desses deuses. Alguns pesquisadores relatam que em Mênfis, algumas jovens realizavam o coito com o bode divino, sem entretanto, precisarem as fontes consultadas.

Os sacerdotes

A classe sacerdotal no Egito sempre foi numerosa mesmo porque havia uma infinidade de deuses em seu panteão. Sua influência e atribuições variavam de acordo com as diferentes épocas da história do vale do Nilo. Contudo, pode-se dizer, foram o sustentáculo do Faraó, ao qual serviam também como guardiães da ordem social.

A função sacerdotal era transmitida de pai para filho de modo que foi-se erigindo uma condição social, a qual em virtude da piedade do povo e aquiescência dos soberanos acabou tornando-se mais opulenta que a aristocracia feudal e a própria família real.

Os templos lhes proporcionavam espaço para moradia e dos alimentos oferecidos aos deuses provinha a comida e a bebida dos sacerdotes egípcios. Estes, possuíam família e além da esposa oficial possuíam outras mulheres, formando uma harém. As taxas cobradas pela execução dos serviços religiosos somadas as rendas das terras dos templos carregavam-lhes avultadas rendas que eram isentas de taxas. Isto posto, é fácil compreender porque os sacerdotes possuíam uma invejável condição social que ademais lhes isentava da prestação do serviço militar.

Em parte, um pouco desta situação era merecida pois além de acumularem o conhecimento e a cultura, educavam os jovens disciplinando-os com vigor e zelo. Em mais de um documento, fala-se das dificuldades de aprender a língua escrita, donde depreende-se que somente com disciplina e dedicação isto era possível.

A participação da mulher, também ocorreu nos serviços dos templos e tanto é verdade que os textos do Antigo Império mencionam as sacerdotisas de Hathor, deusa do amor.

Relatos da antiguidade grega, provindos de Heródoto afirmam que os sacerdotes costumavam usar trajes de linho lavados e frescos. Depilavam o corpo, incluindo a cabeça e lavavam-se algumas vezes durante o dia.

Por mais humilde que fosse um sacerdote, ou por menor que fosse sua categoria oficial, tinha sempre funções a cumprir nos serviços religiosos cotidianos. Dentro da hierarquia sacerdotal destacavam-se quatro cargos: o pai do deus, o escravo ou servo

do deus, o sacerdote comum e o sacerdote leitor, este encarregado do importante “Rito-Cotidiano”

As cerimônias praticadas no interior dos templos não eram as únicas ocupações sacerdotais. Eles também eram responsáveis pela organização e supervisão das festas religiosas; pela mumificação, pelos paradigmas da arte, pela construção dos templos, túmulos e palácios, pelo cômputo do tempo ademais de outras funções. No Egito todos os que possuíam um conhecimento intelectual, todos os que fossem cultos ou que possuíssem compreensão das ciências faziam parte da classe sacerdotal. Desta forma surgiu um verdadeiro abismo de conhecimentos entre o povo e os sacerdotes. A maioria destes, sabiam que o deus do seu conhecimento era invisível e portanto, meramente simbólicos seus atributos. Na verdade os sacerdotes aceitavam a existência de alguns poucos deuses. Em seu íntimo, tinham crença em um que outro deus, talvez Ptah ou em Rá-Atum os sacerdotes acreditassem de maneira sincera.

Porém, a população ignorante, realmente adorava o crocodilo, o gato, o íbis, o escaravelho e outros animais fato este, de que se aproveitavam os sacerdotes, para dizerem ao povo que os mugidos do boi Apis eram vaticínios dos deuses, que eles (os sacerdotes) eram seus interpretes. Isto posto, não é de causar espanto a vasta adoração fetichista desta gente desprovida de conhecimentos quando a própria região a sua volta constituía-se em um mistério. Cercados pelo deserto abrasador, com o grande rio e suas enchentes periódicas; com o sicomoro que florescia misteriosamente nas areias; e com a fonte de água lhos jorrava nos oásis, o meio ambiente vinha a ser era um enigma para o egípcio comum. E muito mais para as camadas mais simples da população do vale do Nilo.

Transição entre as esferas de vida

Os egípcios acreditavam na imortalidade da alma e na vida futura. Não havia morte mas sim, transição de uma vida para outra. Depois desta vida, iniciava-se o mais além em plano diverso. E, de acordo com o que a Egíptologia conseguiu desvendar até o presente, os habitantes do vale do Nilo, possuíam uma idéia do composto humano distinta daquela apresentada por outros povos.

Para os egípcios, além do que conhecemos como corpo havia no ente humano outros dois elementos que tem sido considerados espirituais e independentes da matéria; o BA que corresponde a alma e o KA, este supostamente um reflexo imaterial do corpo.

De qualquer forma, não se concebia a morte mas sim uma separação entre o elemento material e os dois elementos espirituais.

De acordo com antigas crenças, o corpo era habitado pelo Ká e também por uma alma que seria o Ba. Ao exalar seu último suspiro, o indivíduo emanava de seu ser um segundo exemplar de seu corpo - o duplo - que vivia nas tumbas e prolongava a existência do modelo enquanto o corpo não entrasse em decomposição, tendo-se aí, a razão da mumificação. Enquanto isto, subunham, a alma ao sair do cadáver, seguia para

o Tribunal de Maat, (deusa da verdade) onde em audiência presidida por Osíris (deus dos defuntos) prestava contas de suas obras em vida. Sob o ponto de vista do autor deste ensaio, isto encerra uma grande lógica porque era a consciência (como Ka) que após deixar o corpo com o qual tinha convivido experiências, seguia em direção da verdade. Neste encontro, seria julgada de acordo com as suas ações e atitudes que tivera durante o ciclo vital experimentado no mundo que habitara, no caso vale do Nilo. A noção do Ka, ainda hoje é muito discutida e a egiptologia ainda não chegou a uma conclusão sobre o que os egípcios desejavam expressar realmente através do enunciado desta palavra.

Para um grupo de pesquisadores, este elemento espiritual constituía-se na força vital do ser humano infundido no seu nascimento e que lhe dava consciência.

Já outro grupo de investigadores entendem o Ka como algo análogo ao perispírito, formado por uma matéria tênue que não pode ser vista nem tocada, porém incorporada ao homem em seu nascimento. Era o suporte do Ba que servia de invólucro receptivo a energia cósmica.

A noções a este respeito não estão suficientemente deslindadas, sendo que no período do Faraó Iquenaton, os hinos de sua autoria conduzem para a idéia de que o Ká era a essência da divindade. Porém torna-se que claro, que o Ká era acrescido ao corpo e que sobrevivia a este. Pode-se portanto concluir que é o sopro de vida e no mesmo tempo uma energia individual que faz parte da vibração cósmica.

O Juízo Final

Para o povo egípcio a crença em Osíris como deus e Juiz dos Mortos existia desde o Antigo Império, mas só adquiriu pleno desenvolvimento e aceitação muito depois, no Médio Império.

Como já foi dito a alma do falecido seguia para o simbólico Tribunal da deusa da verdade - Maat - presidido por Osíris, assessorado por 42 juizes. Também permaneciam neste local, nessa reunião de julgamento Hórus, Anubis, Thoth e o devorador dos mortos. No tribunal havia uma balança, com dois pratos para julgar a alma. Maat colocava em um dos pratos da balança o coração do falecido no outro prato uma pluma ou pena mágica que era seu símbolo. Anubis fazia a pesagem. Thoth anotava o resultado no seu rolo de papiro. O julgamento era observado pelo júri, um para cada pecado, que poderia desclassificar o réu e privá-lo das delícias da eternidade. Se a pluma e o coração se equilibrassem a sentença seria um sucesso triunfante, Hórus avançaria então para levar o felizardo a presença de Osíris. Mas se a balança se inclinasse para um dos lados, se o coração fosse mais pesado que a pluma, então o desastre era certo. A terrível figura do devorador surgiria rapidamente. Esta era fera obscena com a cabeça de crocodilo e quatro traseiros de hipopótamo e ainda lembrava em certas partes o corpo de um leão. O repelente animal, eliminaria a alma em meio a terríveis sofrimentos, triturando os ossos e mastigando a carne do infeliz pecador.

A tese da eliminação da alma através do devorador é também bastante contraditória e pode ser interpretada de varias formas. Uma delas é a do retorno da alma ao

mundo terreno onde padeceria novos sofrimentos em vez de seguir para "os campos de Osíris", um local de felicidades.

Ainda de acordo com as crenças do vale do Nilo, os seres que recebiam sentença favorável no Tribunal de Maat, eram recebidos por quatro gênios (ou anjos) que submergiam a alma feliz em um lago de fogo para purificá-la das manchas que poderiam haver escapado a vista dos juizes. Logo após, lançava-se a alma ao espaço e após 3000 anos de contínuas transformações ingressava no céu e vivia com os deuses.

O Livro dos Mortos

A alma, no Tribunal onde era julgada, possuía a faculdade de falar em sua defesa, e não havia alma que ao comparecer perante Osíris não levasse consigo o Livro dos Mortos que consistia em uma confissão negativa. O mencionado livro era depositado ao lado da múmia para que a alma no momento oportuno se justificasse perante o Tribunal. Assim, entre outras coisas a alma declarava mais ou menos isto:

*"Não cometi fraude.
 Não menti no tribunal, nem cometi sacrilégios.
 Não matei.
 Não cortei os cabelos e nem alterei os pesos e medidas.
 Não caeei animais sagrados.
 Não fiz chorar a viúva e ao órfão.
 Não roubei as oferendas dos templos, nem as fitas, provisões ou perfume das tumbas dos mortos.
 Dei de comer ao esfomeado e de beber ao sedento.
 Ofereci sacrifícios aos deuses e comidas fúnebres aos defuntos.
 Sou puro.
 Sou puro".*

As múmias e os embalsamentos

Acreditavam os egípcios que a sobrevivência do duplo dependia em absoluto da conservação do corpo do defunto. Para tanto havia a dedicação de uma classe social, a dos embalsamadores. Eles prestavam o seu serviço de acordo com a condição financeira do falecido e de modo geral haviam três tipos de serviços que variava do mais requintado ao mais simples.

Para um embalsamento de primeira qualidade começava-se por extrair o cérebro do cadáver. Abria-se depois a região estomacal e retiravam-se os intestinos. Após era enchido o ventre com mirra, canela e outras plantas aromáticas, suturando-se o corte que havia sido feito. Em seguida, o corpo era colocado no natrão ou sal comum e deixava-se o cadáver durante setenta dias. Transcorrido esse tempo, o corpo dessecado era envolvido em faixas de pano, untadas com goma e firmadas por cintas de púrpura.

longitudinais e transversais. Os corpos assim secos e esterilizados se chamavam múmias. Esta era colocada em um ataúde de madeira que a seguir era fechado. O cadáver estava pronto para ser sepultado.

Túmulos

A grande importância do estudo dos túmulos egípcios reside no fato de revelar-nos um conhecimento da maior importância para o conhecimento da religião e das crenças do Egito Antigo.

Esta verdadeira arte era muito importante neste país visto que o corpo devia ser conservado. Com o passar do tempo os túmulos mudaram de aparência. Quanto mais elevada era a situação econômica individual, tanto melhor seria o túmulo. Os egípcios sempre procuraram construí-los quanto mais invioláveis possível. Isso porém não quer dizer que muitos não fossem enterrado no chão bruto, apenas enrolados em uma simples esteira.

Em geral, os reis, príncipes e funcionários do Estado, escolhiam o local de seus sepulcros, quando ainda eram jovens. Ao contrário do que possa parecer, não havia nada de anormal e estranho ao egípcio ir visitar seu futuro túmulo.

Os sepulcros reais destacavam-se dos demais túmulos por apresentarem exageradas dimensões, principalmente os erigidos no período denominado Antigo Império. O estudo da arquitetura funerária do vale do Nilo, revela a existência de três modelos bem definidos: mastabas, pirâmides e hipogeus.

Mais de setenta pirâmides foram encontradas e constituem-se no principal monumento funerário do Egito. E, isto não só por suas avultadas dimensões mas também pela grande quantidade de objetos depositados junto com os sarcófagos. Além disto o interior destas construções apresentavam camaras, passagens e túncis com afrescos e pinturas que traduzem o imaginário religioso dos egípcios. Ademais de servirem como tumba dos Faraós, estas construções foram utilizadas por grupos místicos que reuniam-se em seu interior. E, a partir desta constatação procura-se compreender as várias mensagens contidas em suas paredes principalmente na Grande Pirâmide.

5. O INTERLÚDIO HERÉTICO

A ocorrência do monoteísmo no Egito é um episódio na história deste país que evidencia a evolução do pensamento religioso. Portanto não constitui novidade alguma referenciar a existência de um culto de caráter monstíco praticado as escondidas no mesmo tempo em que o politeísmo oficial antropomórfico cultuado de maneira irrestrita ao longo do grande rio. Convém lembrar que na antigüidade do Egito, seus habitantes tinham que aliar-se ao clericalismo pagão e aceitar suas crendices e superstições ou então tornar-se herege e vincular-se a uma sociedade secreta - Escola de Mistérios - que buscavam libertar o ente humano da crendices e superstições mantidas por uma numerosa classe sacerdotal.

Origens do pensamento religioso egípcio

As concepções teológicas afloradas no vale do Nilo não procedem somente de um local mas sim de vários. E um destes lugares, a cidade de On, (Heliópolis em grego), interessa particularmente para este ensaio. A doutrina religiosa praticada nesta localidade, afirmava que o mundo tal como os egípcios o conheciam fora obra de uma entidade solar denominada Rá-Atum.

A partir deste conhecimento algumas minorias elitizadas evoluíram no sentido de conceberem um único deus criador de todo o universo. De modo concomitante com outras práticas religiosas estes pequenos grupos organizaram-se em Escolas de Mistério que subsistiram de modo secreto. Seus membros dedicavam-se ao estudo místico sendo perfeitamente compreensível que não poderiam aceitar as crenças, magias e superstições do clericalismo.

Mesmo na atualidade são poucas as informações sobre estes grupos de conhecimento hermético, pois como escreveu Paul BRUNTON, os iniciados reuniam-se secretamente e juravam manter os ensinamentos adquiridos dentro do círculo ao qual pertenciam. Porém tem-se informações dignas de confiança de que os locais de convocação destes grupos de pensadores eram o interior de templos e pirâmides, devido principalmente a segurança e tranquilidade necessárias para o estudo e reflexão dos conteúdos metafísicos além da iniciação dos novos neófitos nas matérias propedêuticas.

Escavações realizadas neste século, comprovaram que o grupo de pirâmides do vale de Sakara, no qual se inclui a Esfinge, possuíam corredores de comunicação subterrâneos com entradas em locais distintos e desconhecidos do vulgo. Isto conduz ao entendimento de que pelo menos um certo número de pessoas necessitavam transitar por estes locais de modo despercebido.

Alguns discípulos das Escolas de Mistério, estudavam a cosmogênese e possuíam conceitos suficientemente claros de que só havia um princípio vital representado simbolicamente por Ra, o Sol. Daí concluir-se que a idéia do monoteísmo e algo que desde a muito tempo vinha sendo aceita e estudada. Contudo, outros temas também eram estudados, tais como a indefinição do homem perante o inexplicado: o que era, o que teria que ser, o que seria na outra esfera de vida e o que era ele próprio.

Também é importante notar que consideravam a transição (falecimento) como a separação entre o corpo físico e o espírito imaterial, e que após este fenômeno haveria um julgamento das ações em vida. E obviamente, nesta avaliação de como se portou o espírito na vida terrena, não havia lugar para o já mencionado Livro dos Mortos vendido pelo clericalismo, para que a alma justificasse-se no Juízo Final.

A idéia da imortalidade da alma, para as Escolas de Mistérios, passava pela noção de que o ser humano constituía-se em uma composição de corpo, espírito e alma. Da mesma maneira o mundo das impressões, ou seja a realidade seria um conjunto de manifestações ou vibrações que de acordo com a sua densidade formariam a matéria e a alma desigualmente repartidos. Estas noções entretanto não resultam muito clara até o momento, apesar dos avanços realizados pelos pesquisadores da religião egípcia. E de

supor-se a existência de papiros ou mensagens no interior das pirâmides com melhores esclarecimentos sobre este assunto. Porém até o presente não foi encontrado o que poderia ser uma "chave" para elucidar estas idéias.

Ao considerar que tanto mentores como iniciados das Escolas de Mistério não aceitavam as práticas supersticiosas, pode-se concluir entre outros aspectos, que ditas escolas surgiram não só para contrapor-se ao clericalismo pagão. Mas também para proteger os indivíduos perseguidos por possuírem pensamento diverso da classe sacerdotal além de proteger o conhecimento dado pela assim denominada Essência vital.

Antecedentes da instauração do monoteísmo no Egito

Ao redor de 1580 antes de crista, os egípcios expulsaram os Hicsos que haviam invadido o vale do Nilo, dando início ao que na história passou a ser conhecido como o Novo Império. Este caracterizou-se por ser belicoso e imperialista promovendo guerras que serviram não só para prevenir-se de novas invasões como também enriquecer o Egito. Esta, pode-se dizer, é a grande época egípcia e durante este período surgiram os seus Faraós mais brilhantes.

Além das conquistas territoriais e evolução administrativa ocorreu também algo extraordinário na história do vale e que transvasa para toda a humanidade: pela primeira vez no mundo instaura-se um culto monoteísta e isto, um século antes de Moisés ter tirado os israelitas do Egito.

Para um melhor entendimento da mais brilhante fase da história egípcia, deve ser dito que a religião politeísta desta nação durante o Novo Império havia sofrido uma profunda adulteração. Seu significado ético foi largamente desvirtuado e a superstição e magia ganharam ascendência. A causa principal parece ter sido uma desvalorização intelectual ocorrida no período correspondente a longa guerra de expulsão dos Hicsos na qual o rigor da luta favoreceu o desenvolvimento de atitudes irracionais. E, o resultado foi uma notável aumento de poder dos sacerdotes que exploravam o terror das massas em proveito próprio. Ávidos de lucros, inauguraram a prática da venda de feitiços que supostamente tinham o poder de evitar que o coração do falecido denunciasse o seu verdadeiro caráter quando ocorresse o Juízo Final. Os clérigos vendiam rolos de papiro contendo fórmulas, que colocadas ao lado das múmias das pessoas falecidas, seriam valiosas para facilitar a entrada do morto no reino dos deuses. Portanto, o conjunto dessas fórmulas escritas nos rolos de papiro conhecidas como "Livro dos Mortos" tinham larga aceitação. As boas ações e a consciência pura, tinham caído de moda. E, tal era a situação que no templo de Karnac, de acordo com a tradição havia um harém de mulheres destinadas aos serviços do deus. Porém na verdade, era de usufruto dos sacerdotes. Estava pois a religião em decadência.

O Faraó Iquenaton e o culto de Aton

A degradação da religião do vale do Nilo provocada por seus sacerdotes, transformou-a em um sistema de magia fraudulenta e resultou numa grande reforma

religiosa, promovida pelo faraó Amenófis IV, que havia trocado seu nome para Iquenaton em homenagem a Aton, cuja representação física era o disco solar.

Antecedendo a este fato, Amenofis III, havia feito um governo pacífico para época proporcionando um tempo de riquezas e bem estar para o Egito, o que lhe valeu ser chamado de "O grande Faraó". Muito embora fosse simpático ao culto de outros deuses que não o de Amom e tivesse perfeita noção da ameaça que os sacerdotes poderiam representar para seu governo logrou ser respeitado pelo clericalismo.

Porém deve ser dito, que parte deste brilho deve-se a rainha Tiy, sua esposa oficial e mãe de Iquenaton. Esta mulher de invulgar inteligência possuía forte vinculação espiritual com seu filho a quem apresentou a teologia da cidade de On - Heliópolis - onde cultuava-se Rá, uma divindade solar. Vale lembrar que no vale do Nilo, coexistiam várias formas de adoração ao sol, pois haviam mais de uma divindade solar.

Portanto, Iquenaton, ao nascer, já tinha no berço uma iniciação mística e de acordo com as evidências o monoteísmo já era conhecido embora praticado as escondidas por pequenos grupos intelectualizados.

Iquenaton logo após suceder a seu pai no governo do Egito, em 1375 A.C. tentou de modo infrutífero, durante quatro anos reprimir os principais abusos dos sacerdotes de Tebas. Nesta contenda perfilavam-se as causas políticas junto as querelas religiosas e o resultado foi uma reforma do culto promovida pelo Faraó. Assim pois os sacerdotes foram retirados dos seus templos e estes fechados. Os bens clericais tiveram confisco e milhares de imagens do panteão egípcio foram substituídas por uma só, como símbolo abstrato de um deus estritamente espiritual: o disco solar criador de todas as coisas.

Os objetivos de Iquenaton eram principalmente o de anular o poderio dos sacerdotes de Amom, reforçar a autoridade real, dar um fim no politeísmo remanente além de mostrar ao povo a existência de um único deus ao qual chamou de Aton, antiga denominação do sol físico.

Doutrinas de Iquenaton

Uma parte substancial das informações sobre as doutrinas de Iquenaton provem das escavações realizadas em Tell-el-Amarna. Neste local foram encontradas inscrições tumulares da mais alta importância, destacando-se dois hinos litúrgicos a Aton muito provavelmente compostos por Iquenaton em seus momentos de meditação.

Este soberano, tido em alguns círculos como um verdadeiro avatar ensinou uma religião monoteísta e universal. Aton era o único deus existente, não somente do Egito, mas de todo o universo conforme se depreende de uma passagem do seu hino em louvor de Aton.

*"Quantas são as coisas que Tu fizeste!
Tu só, criaste a terra pôr Tua vontade,
Com os seres humanos, rebanhos e revoadas de pássaros,*

*Tudo o que caminha com os próprios pés na face da terra,
Tudo o que voa com as próprias asas do ar;*

Para Iquenaton todos os homens eram irmãos vindos do sol que é o pai comum a todos. E, deste irradia-se um amor infalível que a tudo penetra através da luz e calor irradiados pelo disco solar, como pode ser entendido em outro verso do hino a Aton:

*"Tu és bellissimo, brilhante e sublime sobre a terra,
Teus raios envolvem todas as terras pôr Ti criadas.
Tu, ó sol, desapareces sem suas fronteiras,
Unindo-as com Teu amor.
Embora longe, Teus raios estão sobre a terra;
Permaneces nas alturas, mas desaparece com tua ida".*

Simbolicamente a divindade era representada pelo disco solar, do qual saíam raios de sol em ângulos retos que terminavam em mãos estendidas para a terra. Isto quer dizer que os raios de sol irradiados pelo disco solar estão presentes em todas as partes. Aton assim representado era a fonte de toda a vida, todo o poder e força do universo.

O novo culto

O Faraó reformador adorava a energia radiante do sol como um princípio existencial sobre a terra e em dedicação a Aton, determinou a construção de uma nova capital, a que denominou de Iquetaton, ou seja horizonte de Aton. Neste local, atualmente conhecido com Tell-el-Amarna foram erigidos obras como o templo de Aton e o palácio de Iquenton que ostentaram grande esplendor. A arte emergiu livre dos cânones sacerdotais e apresentou novas técnicas, proibindo-se apenas representar Aton, porque este não tinha forma.

Apesar das poucas informações sobre a prática do culto, um exame dos fragmentos encontrados nas escavações de Tell-el-Amarna sugerem atos religiosos ao ar livre com cânticos, libações e louvores a Aton.

Entretanto, existe algo que ainda está pôr ser elucidado e que constitui-se na ausência de referências mais explícitas sobre a outra esfera de vida. Talvez existam documentos ou inscrições que tratem deste tema, porém ainda não foram encontrados.

O monoteísmo proposto por Iquenaton foi efêmero pois seus conceitos eram muito avançados para a época. Nos bastidores os sacerdotes conspiravam contra o soberano e o próprio povo persistia em suas crenças politeístas. Em consequência desta situação resultou que logo após a transição do Faraó para outra vida, os sacerdotes voltaram a predominar na sociedade, impondo os seus antigos deuses.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A civilização egípcia atingiu um alto grau de desenvolvimento cultural tendo os habitantes do vale do Nilo elaborado uma concepção religiosa que até então nenhum outro povo tinha concebido.

O patamar das idéias religiosas alcançadas pôr esta civilização deve-se em grande parte ao rio Nilo que com suas cheias periódicas e regulares depositava em suas margens um riquíssimo depósito orgânico, o Húmus. Este, era semeado e produzia colheitas, como pôr exemplo a do trigo, que faziam a riqueza do país.

Entretanto para o aproveitamento das cheias era necessário levar a água aos plantios, fato este que forçou os egípcios a empregarem avançadas técnicas de irrigação através de canalizações nas margens do rio. Estes trabalhos em épocas recuadas da história propiciaram o surgimento comunidades agrícolas ao longo do Nilo conhecidas como Nomos. E, cada um destas aldeias vivia na crença da existência de um deus protetor simbolizado pôr um totem o que dispôs a criação de um mundo panteísta que deu forma a religiosidade do Egito. Isto posto, as áreas agrícolas do Nilo foram aproximando-se umas das outras resultando dois reinos que posteriormente foram unidos. Processo semelhante ocorreu com a religião apresentou deuses cultuados em diversos Nomos até alcançarem o "status" de deuses nacionais.

Se o povo egípcio era inculto e desconhecia os fenômenos da natureza, o mesmo não se pode ser dito com relação aos sacerdotes que aproveitaram-se de seus conhecimentos para imporem-se as classes mais populares. Porém deve ser dito que o clericalismo representou a luz e a vida do Egito durante vinte e dois séculos pois preservaram e transmitiram geração após geração as conquistas técnicas e culturais como o foram a arquitetura e a língua escrita.

Concomitante com o clericalismo desenvolveu-se no Egito uma manifestação intelectual paralela representada pelas Escolas de Mistério. Estas apesar do hermetismo que as caracterizavam avançaram no estudo dos fenômenos inerentes ao homem nesta vida e no mundo de além. Não há como negar a importância nem a profundidade do conhecimento esotérico egípcio que caracteriza-se pôr buscar a origem cósmica dos entes e sua razão existencial.

Dizer que Iquenaton foi um revolucionário e que criou uma nova religião não reflete a autenticidade dos acontecimentos. Na verdade, com este Faraó, o conhecimento monástico divulgado apenas nas convocações secretas das Escolas de Mistério, pode manifestar-se livremente na sociedade egípcia.

Este visionário soberano do Egito, soube distinguir de modo claro o culto ao deus solar Rã, na cidade de On e a sua crença simbolizada pelo disco solar. Ele adorava a energia radiante do sol como um princípio de toda a ordem moral. Para ele, Aton, era o único deus existente, e este amava o mundo e todas as suas criaturas. Entretanto a "reforma" de Iquenaton e o seu monoteísmo eram muito avançados para seu tempo e as palavras de seus hinos de louvor destinavam-se sobretudo ao intelecto. Iquenaton não avaliou devidamente a força dos sacerdotes e admitiu no povo uma capacidade de com-

preensão do monoteísmo que não se confirmou.

A reforma de Iquenaton não teve sucesso duradouro. Pouco depois de seu falecimento governou o Egito, o faraó Tutancamon, títere dos sacerdotes. Este restaurou o antigo culto politeísta e fez a capital do Egito retornar para Tebas, fatos que comprovam o poder dos sacerdotes.

O resultado destes atos foi o ressurgimento e expansão gradual das mesmas e antigas superstições que tinham prevalecido antes do reinado do Faraó visionário. Para a grande massa do povo, o significado ético da religião perdera-se para sempre e eles foram mais uma vez entregues a cobiça do clero.

Entretanto nas classes mais cultas, os ensinamentos de Iquenaton prolongaram-se pôr algum tempo e mesmo pode ser dito que as Escolas de Mistério não sucumbiram. Ainda que o deus Aton não fosse mais reconhecido, as qualidades que ele representava continuaram a merecer profunda reverência. Também pode ser dito que uma minoria instruída no monoteísmo transferiu os atributos de Aton para Amom-Rá. A tradicional divindade foi aclamada como um único deus e corporificava a retidão, a justiça e a verdade. Ademais este Amom-Rá passou a ser visto com um ser misericordioso e amado que escutava as preces, confortava os pobres e encorajava os fracos.

Em conclusão observa-se que poucos povos na antigüidade ou talvez nenhum tenham alcançado o elevado nível de desenvolvimento ocorrido no Egito dos faraós. É digno de admiração o fenômeno religioso ocorrido no vale do Nilo não só pela inexistência de sacrifícios de sangue mas também pela crença na imortalidade da alma e no juízo final.

Pôr último deve ser dito que foi no Egito que pela primeira vez na História concebeu-se a idéia de um deus único e universal. Fato este que constitui-se um dogma da cultura religiosa do século atual. Muito antes do Rei David escrever os Salmos bíblicos o Faraó Iquenaton redigiu os hinos de louvores a Aton. E, existem estudiosos com Jean DUCHÉ, que sugerem uma semelhança entre os versos de e um e outro texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDRED, Cyril. *Os Egípcios*. Lisboa: Verbo, 1966.
- BALLESTEROS, Manuel; ALBORG, Juan Luís. *História Universal*. 5 ed., Madrid: Gredos, 1970, v. I.
- BRUNTON, Paulo. *Egito secreto*. São Paulo: Pensamento, 1974.
- CAVALCANTI, Carlos. *História das Artes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- CARDOSO, Ciro Flamarión. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Ática, 1986.
- CARVALHO, Benjamin Araújo. *História da Arquitetura*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1964.

- CERAM, C. W. *Deuses, Túmulos e Sábios*. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- DEVI, Savitri. *Filho do Sol*. 2 ed., Rio de Janeiro: Renes, 1982.
- DIRINGIR, David. *A escrita*. Lisboa: Verbo, 1968.
- DRIOTON, Etienne; VANDIER, Jacques. *História del Egípto*. Buenos Aires: Editorial Universitária, 1973.
- DUCHE, Jean. *História da Humanidade*. Madrid: Guadarrama, 1964, v 1.
- DURANT, Will. *História da Civilização*. v 1., São Paulo: Nacional, 1942.
- FAUNDEZ, Antônio. *A expansão da escrita*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História da Antigüidade Oriental*. Petrópolis. Vozes, 1963.
- GRIMBERG, Carl. *História Universal*. v 1., Lisboa: Europa-América, 1966.
- LANGE, Kurt. *Pirâmides, Esfinges e Faraós*. Belo Horizonte; Itatiaia, 1958.
- LARRAIA, Juan. *Religiones y creencias*. 4 ed., Barcelona; Danae, 1972.
- LEWIS, Hubert Spencer. *A profecia simbólica da grande pirâmide*. Rio de Janeiro; Renes, 1974.
- LISSNER, Ivar. *Assim viviam nossos antepassados*. 4 ed. Belo Horizonte; Itatiaia, 1964, 1 v.
- RAFOLS, Juan Francisco. *História del Arte*. Barcelona; Ramón Sopena, 1966.
- VALLES, E. *Atlas de História Horizontal*. 1 ed., Rio de Janeiro: Livro Ibero Americano, 1962.
- VERA TORNELL, Ricardo. *História de la civilización*. v 1., Barcelona; Ramón Sopena, 1968.
- WHITE, Jon Manchip. *O Egito Antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- WIESNER, Joseph. *O Egito*. Lisboa: Verbo, 1971.